

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT07.013

# LIVRO DIDÁTICO DO NOVO ENSINO MÉDIO: ENTRE A COLONIALIDADE DE GÊNERO E SEXUALIDADES E A SOCIOLOGIZAÇÃO DO SABER E PODER

*JUSSARA NATÁLIA MOREIRA BÉLENS DE MELO*

Professora do Departamento de Ciências Sociais do Campus I da Universidade Estadual da Paraíba. Licenciada em Ciências Sociais, UFPB, 1995; Mestra em Sociologia Rural pela UFPB, 1998; Doutora em Educação pela UFPB, 2013. E-mail: sarademelo68@gmail.com

## RESUMO

Como o ambiente escolar é um espaço de reprodução das desigualdades sociais, econômicas, culturais – e especificamente de gênero e sexualidades – como também de transformação social, é mister que a Sociologia na Educação Básica trabalhe essas desigualdades de maneira disciplinar e interdisciplinar. Partindo dessa provocação, este ensaio objetiva analisar como o Livro Didático “Moderna Plus”, da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, (PNLD, 2021), adotado para o Novo Ensino Médio de escolas públicas estaduais de Campina Grande-PB, apresenta questões de gênero e sexualidades a partir das imagens de mulheres apresentadas nos objetos de conhecimentos constantes nos 6 volumes que formam essa coletânea didática. Neste sentido, o trabalho será realizado por meio de pesquisa bibliográfica, discutindo os conceitos de gênero, à luz de Sorj (2019) e de colonialidade de gênero, a partir dos estudos de Lugones (2020) e Quijano (2005). Essa discussão será útil para analisarmos a colonialidade do saber e poder, representações presentes nas imagens de mulheres apresentadas nos objetos de conhecimentos trabalhados nos seis volumes do LD analisado, associada aos estudos de Maçaira (2021) sobre LD. A partir de respostas de questionário do Google Forms, aplicado a professores de Sociologia que lecionam na Educação Básica, buscamos identificar e analisar não só a visão desses profissionais sobre a imagem de mulheres e seu protagonismo nos volumes do LD Moderna Plus, PNLD 2021 como também como esses docentes trabalham as questões de gênero e sexualidades a partir dessa imagem. A pesquisa denuncia a ausência do objeto de conhecimento gênero em uma perspectiva decolonial assim como a ausência da discussão sobre sexualidades,

nos seis volumes do LD escolhido pelo PNLD 2021. Também já se antevê que a abordagem feita pelos professores de Sociologia acerca das temáticas é hegemonicamente realizada pelos vieses de saber e poder eurocêntricos, uma vez que os olhares desses docentes se encontram atravessados por subjetividades de gênero tecidas por leituras e interpretações coloniais que perpassam suas formações iniciais. Os primeiros resultados ainda nos permitiram identificar que as temáticas de “gênero e sexualidades”, problematizando as visões colonizadoras, são discutidas por docentes de Sociologia que têm acesso, por outras fontes, às discussões da epistemologia do feminismo negro.

**Palavras-chave:** Gênero, saber e poder colonial; Livro didático; Decolonialidade de gênero e sexualidades.

## INTRODUÇÃO

Segundo Maçaira (2021), a história dos Livros Didáticos (LDs) de Sociologia está relacionada ao processo da institucionalização dessa disciplina nos currículos da Educação Básica, produzidos em propostas diferentes em três gerações: 1ª) no período de 1920-1940; 2ª) LDs produzidos entre 1980 e início de 2000; e 3ª) a partir de 2010, com a publicação de LDs avaliados pelo PNLD de 2012, processo que influencia consideravelmente a institucionalização da disciplina de Sociologia na Educação Básica, aprovada em 2008, conforme esclarece Maçaira (2021):

A Lei de número 11.684, de 2008, alterou o artigo 36 da LDB, tornando obrigatória a sociologia no ensino médio. Um efeito fundamental dessa exigência legal foi a inclusão de livros dessa disciplina nas avaliações do PNLD do ensino médio nas edições de 2012, 2015 e 2018. A partir de 2010 ano de publicação das obras que foram submetidas ao PNLD 2012, tem início a terceira geração de livros didáticos de sociologia (MAÇAIRA, 2021, p.11, sic).

Segundo Maçaira (2021), na terceira geração, os LDs são produtos com grande investimento de edição, com uso considerável de imagens entre outros elementos, como charges, músicas, fontes de pesquisa de jornais, arquivos etc., além de um esforço maior de didatização dos conteúdos trabalhados, articulando temas, teorias, categorias e conceitos das ciências sociais, com maior ênfase nos conteúdos e autores de sociologia. Em nossa investigação, percebemos que as temáticas de gênero e sexualidades estão presentes nos LDs da terceira geração<sup>1</sup>,

1 Nos livros didáticos "Sociologia Hoje, PNLD 2018-2020," "Sociologia em Movimento, PNLD 2018-2020"; "Sociologia para Jovens do Século XXI, PNLD, 2018-2020", embora as imagens masculinas estejam em todos os objetos de conhecimentos, há outras, de mulheres negras, brancas, indígenas, latinas, africanas assim como referências de mulheres negras intelectuais, filósofas, ativistas, feministas, representando as discussões sobre o feminismo negro e a participação das mulheres negras em acontecimentos sociais, políticos, em nível nacional e internacional. O LD *Sociologia para Jovens do Século XXI* traz, no capítulo 22, o conteúdo "Lugar de mulher é onde ela quiser? Relações de gênero e dominação masculina no mundo de hoje," "o transfeminismo e as vadias", violência de gênero e legislação brasileira". O capítulo 23 aborda a "diversidade sexual e gênero". O LD *Sociologia em Movimento* traz, no capítulo 14, "Gênero, sexualidades e identidades". No início desse capítulo, são apresentados os objetivos a serem alcançados: "Compreender os conceitos de sexo, gênero e sexualidades, suas interrelações e interseccionalidades; identificar e analisar situações de desigualdade e violência que provêm de padrões de comportamento em relação ao gênero e

embora ainda com a hegemônica presença masculina nas imagens, na autoria dos textos, citações e nos conteúdos trabalhados; a presença de autoras brancas e negras aparecem nos objetos de conhecimentos sobre gênero, sexualidades e raça, movimento feminista, participação das mulheres na produção de conhecimentos e ciência, tendo como referências autorias de mulheres do feminismo negro estadunidense, como Angela Davis, e brasileiro como Lélia Gonzalez.

É importante frisar que, embora nesses LDs haja capítulos com objetos de conhecimentos sobre gênero, sexualidades e raça, ainda há ausência das mulheres ciganas, ribeirinhas, trans, das águas, das florestas, periféricas etc. Vê-se que essas mulheres e tantas outras não são citadas nem incluídas nas discussões apresentadas de maneira interseccional sobre gênero, sexualidades e raça. Em nossa interpretação, essas invisibilidades estão relacionadas, segundo Lugones (2020), a “aspectos visíveis e invisíveis da construção da colonialidade do saber/poder de gênero”. Em nossa percepção, as pessoas foram sendo subjetivadas por diversos processos educacionais –, criando ideias, sentimentos, conhecimentos, cognição etc. – significados pela cosmovisão da dominação eurocêntrica, binária, hierárquica, excludente em relação às diversidades que não se encaixam no modelo normativo de “civildade” e “humanidade” dessa dominação. Assim, os LDs são produzidos por pessoas que, mesmo problematizando a dominação masculina, heteronormativa, branca, ainda não conseguiram romper as amarras colonialistas por completo, havendo camadas interseccionais de colonialidade do saber.

No percurso das alterações realizadas no Ensino Médio da Educação Básica, pela Lei nº 13.415/2017, e no Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), compreendemos que a política educacional ultraneoliberal se corporifica no ambiente escolar e no processo educacional em diferentes dimensões – a exemplo do Currículo do Novo Ensino Médio no Brasil e no Estado da Paraíba (2022), norteado por áreas de conhecimentos, como a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas –, balizada por (06) seis competências e habilidades correspondentes. Entre as mudanças educacionais, buscamos compreender como as temáticas de gênero e sexualidades são trabalhadas nos seis volumes (Vol. 1: Natureza em Transformação; Vol. 2: Globalização, Emancipação e Cidadania; Vol. 3: Trabalho,

---

sexualidade; avaliar o papel das instituições e dos mecanismos simbólicos e discursivos na atribuição de comportamentos ligados ao sexo e à sexualidade; identificar como os movimentos sociais modificaram percepções sobre a sexualidade e criaram novas demandas de direitos na sociedade”. (SILVA, BRUNO, CASSIA, 2020, p. 328).

Ciência e Tecnologia; Vol. 4: Poder e Política; Vol. 5: Sociedade, Política e Cultura; Vol. 6: Conflitos e Desigualdades), do Livro Didático Moderna Plus, do PNLD (2021) da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, adotado, no ano de 2022 para o Ensino Médio de escolas públicas estaduais de Campina Grande-PB.

Para exposição, esta produção está organizada do seguinte modo: primeiro discorreremos sobre os conceitos de gênero e sexualidades pensados pelo feminismo hegemônico branco/europeu que, mesmo representando campos de resistências contra a desigualdade de gênero, se baseiam em cosmovisões binárias, universalistas e homogeneizadoras, perdendo de vista as múltiplas mulheres e diferentes contextos e condições de desigualdades vivenciadas pelas mulheres negras, latinas, indígenas, ciganas e tantas outras singularidades que escapam à dominação eurocêntrica.

Em segundo momento, analisamos como as mulheres aparecem nos volumes estudados, como as desigualdades de gênero e sexualidade são apresentadas nos seis volumes e como a decolonialidade de gênero amplia os conhecimentos sobre as mulheres. Nesse panorama, buscamos verificar se as imagens da mulher trazidas nos volumes apresentam outras perspectivas de resistências, daí identificando, problematizando e ultrapassando a herança colonizadora dos estudos sobre gênero e sexualidades como colonialidade de poder e saber presentes nessas imagens no Livro Didático Moderna Plus.

## **METODOLOGIA**

---

O trabalho foi realizado através de pesquisa exploratória, bibliográfica, discutindo os conceitos de colonialidade de gênero, a partir dos estudos de Bila Sorj (2019), Lugones (2004) e Quijano (2005), e também analisando as imagens de mulheres apresentadas nos seis volumes dos livros didáticos "Moderna Plus" (PNLD, 2021) como estratégia de colonialidade do saber e poder de gênero e sexualidade.

Com uso da plataforma **Google Forms**, realizamos entrevista com duas professoras de Sociologia da Educação Básica de escolas públicas estaduais da cidade de Campina Grande-PB. As duas professoras são graduadas, mestras e doutoras em Ciências Sociais, efetivas da rede estadual. As perguntas realizadas foram: 1) Qual é a imagem e o lugar das mulheres nos LDs Moderna Plus? 2) Como os LDs Moderna Plus discutem as questões de gênero e sexualidades?

Mesmo sendo apenas duas entrevistas, pudemos compreender como as professoras estão fazendo uso dos volumes do Livro Didático adotado, para trabalhar as temáticas aqui abordadas, o que nos permitiu relacionar as nossas interpretações sobre a imagem das mulheres e sobre as discussões sobre gênero e sexualidades nos referidos volumes em análise.

Sobre a primeira pergunta feita às docentes (Qual é a imagem e o lugar das mulheres nos LDs Moderna Plus?) nos levou à compreensão de que "(...) as imagens podem dizer coisas que as palavras não podem, e que uma combinação de imagens e palavras podem(sic) sugerir uma grande quantidade de "informação." (CHAPLIN, 2011 apud UCHOA e GODOI, 2016, p. 3).

Assim, vimos que, sobre a percepção das imagens, há sentidos distintos e essa percepção está relacionada a vários aspectos: Quem escolheu as imagens? Qual foi a intenção de quem a utilizou para ilustrar os conteúdos trabalhados? Qual o lugar (social, político) das mulheres nessas imagens? Quais as interpretações das professoras de Sociologia da Educação Básica sobre essas imagens? Qual foi a interpretação da pesquisadora sobre esse tipo de imagem publicado nos seis volumes dos LDs? A partir destes distintos sentidos sobre as imagens podemos ampliar a investigação realizada.

## **O FEMINISMO E A COLONIALIDADE DE GÊNERO E SEXUALIDADES**

No escopo da construção da sociedade moderna, constrói-se, pelas narrativas científicas, pedagógicas, jurídicas, religiosas, a representação social sobre o feminino e o masculino como conceitos universais, generalistas e homogeneizantes, tomando a genitália como referencial para as conceituações. Essa construção conceitual essencialista se torna ferramenta de pedagogização social e cultural sobre os corpos. Essa representação é fomentada pelas diversas ferramentas pedagógicas, com base nas quais são concebidas e difundidas concebida como verdades absolutas as ideias sexistas, patriarcais e heteronormativas sobre os corpos.

Assim, esta visão ocidental universalista, que toma como referência o modelo masculino/heteronormativo como premissa básica para homogeneizar as singularidades, coloniza a sociedade, nomeando os indivíduos de maneira binária, hierárquica, percebendo a mulher como um homem invertido, inferior, dependente,

fraco, incapaz para o raciocínio lógico, a ser naturalmente subjugado nas relações sociais.

Ao contrário das percepções biologizantes que pensam sobre o feminino e o masculino como conceitos naturais, identificadores dos corpos pela genitália, as problematizações sobre a naturalização dos conceitos de gênero e sexualidades surgem como contraponto da visão eurocentrada que inferioriza corpos diferentes ao modelo masculino, heteronormativo. O feminismo ocidental, como campo de combate ao patriarcalismo e às ideias de inferiorização das mulheres na vida social, problematiza essa percepção, discutindo sobre o conceito de gênero por diferentes perspectivas, como abordado por Bila Sorj (2019):

O conceito central que unifica este conjunto de estudos e fornece seu argumento central refere-se à categoria de gênero e envolve, pelo menos, duas dimensões. A primeira compreende a ideia de que o equipamento biológico sexual inato não dá conta da explicação do comportamento diferenciado masculino e feminino observado na sociedade. Diferentemente do sexo, o gênero é um produto social, aprendido, representado, institucionalizado e transmitido ao longo das gerações. E a segunda envolve a noção de que o poder é distribuído de maneira desigual entre os sexos, cabendo às mulheres uma posição na organização da vida social (SORJ, 2019, p.100).

Assim, as problematizações marxistas sobre a estrutura patriarcal que alinham as desigualdades de gênero com a exploração de classe, vendo o marxismo como “o interlocutor privilegiado do pensamento feminista” (SORJ, 2019, p. 100), como aponta Catharine Makinnon (1982 apud SORJ, 20019, p. 100): “A heterossexualidade é uma estrutura; gênero e família, suas formas fixas; os papéis sexuais, suas qualidades generalizadas à persona social, a reprodução, uma consequência; o controle seu resultado”.

Como abordado por Bila Sorj (2019), as intelectuais e feministas marxistas contribuíram na construção de conceitos, categorias e teorias científicas contrárias e refutadoras das representações patriarcais e sexistas sobre as mulheres. Segundo a estudiosa, “o gênero adquire um estatuto universal, quer no que diz respeito à sua transcendência histórica, quer a sua qualidade difusa e totalizadora dos agentes sociais” (SORJ, 2019, p. 101).

Como abordado por Bila Sorj (2019), a categoria de gênero tecida na modernidade cria também o conceito de patriarcado, para definir a estrutura social,

econômica, política, eivada pelas desigualdades de gênero, e termina por “universalizar a categoria gênero”, excluindo intrínseca e extrinsecamente as múltiplas mulheres que não se veem partícipes das conjecturas científicas e das pautas do feminismo moderno. Mesmo se contrapondo ao determinismo biologizante, uniformiza as singulares condições sociais, culturais, econômicas e políticas das múltiplas mulheres.

Segundo a autora supracitada, há ainda outro aspecto limitante das teorias feministas modernas:

A teoria feminista construiu um ator coletivo baseado na crescente presença das mulheres no cenário político a partir de meados do século XIX. Enfatizando o primado do gênero sobre outras dimensões que definem um grupo social (SORJ, 2019, p. 101, sic).

Desse modo, mesmo que as teorias feministas tenham contribuído sobremaneira no combate ao patriarcalismo e ao sexismo, possibilitando conquistas fundamentais para a vida das mulheres, como direito ao voto, igualdade de direitos na vida pública, à educação, ao mercado de trabalho, o feminismo de bases epistêmicas eurocentradas universaliza as mulheres, assim como toma o conceito de gênero de maneira binária e hierárquica, produzindo a ideia da igualdade com desigualdade.

Na esteira da construção dos campos de combate contra o sexismo e o patriarcado, o movimento feminista foi se formando inicialmente como manifestação pública das mulheres brancas, de classe média e burguesas, se organizando contra as diferentes formas de opressões econômicas, sociais, culturais e políticas, alicerçadas na estrutura capitalista/patriarcal, na qual a sociedade moderna ainda se instaura.

No processo de sua construção, o feminismo ocidental, posicionou-se, a partir do século XIX, contra as desigualdades no mercado de trabalho, lutando pela igualdade entre mulheres e homens na participação da vida pública, tendo como bandeira de luta o direito das mulheres ao voto, ampliação do mercado de trabalho para as mulheres, até então, limitadas ao magistério e pelo acesso ao ensino superior. As lutas do feminismo liberalista, ao mesmo tempo que buscava a “liberdade”<sup>2</sup>

---

2 Na concepção da filósofa Bell Hooks (2019), o feminismo liberal tem uma visão romântica de liberdade que não leva à transformação social.



educacional, profissional e pela participação pública das mulheres, produziram, entretanto, a ideia de igualdade ligada à desigualdade entre as mulheres, uma vez que nem todas elas (indígenas, negras, latinas etc.) se viam incluídas nestas bandeiras de lutas.

Ao revistarmos a construção do feminismo ocidental e os conceitos de gênero e sexualidades como produção deste processo de luta social e história das mulheres brancas, ocidentais, nasce o conceito de gênero, na década de 1960, fruto dos estudos de feministas e ativistas das universidades, construindo espaços de discussões em linhas e grupos de pesquisas sobre as desigualdades de gênero e sexualidades.

Assim, baseadas nas contribuições da filósofa Simone de Beauvoir, que desnaturaliza a ideia de gênero como algo essencialmente natural, o feminismo ocidental traz à cena a discussão sobre o conceito de gênero em uma perspectiva social, baseando-se na ideia revolucionária “Não se nasce mulher, torna-se mulher”, como argumentado por Simone de Beauvoir (2019).

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro. Enquanto existe para si, a criança não pode apreender-se como sexualmente diferenciada. Entre meninas e meninos, o corpo é, primeiramente, a irradiação de uma subjetividade, o instrumento que efetua a compreensão do mundo: através dos olhos, das mãos e não das partes sexuais que apreendem o universo. O drama do nascimento, o da desmama desenvolvem-se da mesma maneira para as crianças dos dois sexos (BEAUVOIR, 2019, p. 125).

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro. Enquanto existe para si, a criança não pode apreender-se como sexualmente diferenciada. Entre meninas e meninos, o corpo é, primeiramente, a irradiação de uma subjetividade, o instrumento que efetua a compreensão do mundo: através dos olhos, das mãos e não das partes sexuais que apreendem o universo.

No movimento de luta contra o sistema de dominação masculina, heteronormativa, baseado numa cosmovisão eurocêntrica, o feminismo negro surge em contraposição ao feminismo hegemônico branco, eurocêntrico, percebendo as camadas de opressão de raça, gênero e classe sobre os corpos percebidos em contextos distintos. Assim, como manifestação de resistência amplia suas percepções, ao trazer à baila o conceito de interseccionalidade, como refletido na resenha feita por Oliveira,

Acredito, assim como Akotirene (2019), que a interseccionalidade é a autoridade intelectual de todas as mulheres que um dia foram silenciadas, ou seja, mulheres negras que a partir do tráfico transatlântico tiveram suas falas negadas, pois a branquitude utilizou o discurso como poderoso mecanismo de dominação (OLIVEIRA, 2020, p. 7, sic).

A partir deste rápido percurso sobre o feminismo como campo de luta e resistência em relação à dominação masculina/heteronormativa e a suas heranças colonizadoras eurocêntricas no conceito de gênero e sexualidades, discorreremos sobre o livro didático do Novo Ensino Médio, Moderna Plus: Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (PNLD 2021), adotado para as escolas estaduais de Campina Grande-PB, a fim de abordar a temática de gênero e como os professores de Sociologia de escolas públicas estaduais da cidade de Campina Grande-PB trabalham esses objetos de conhecimento.

Na esteira do feminismo como campo de resistência, pensando os limites apresentados pelas ondas do movimento ao longo da sua trajetória e compreendendo que os limites são espaços de ressignificações, na contemporaneidade, o movimento feminista negro apresenta a possibilidade de (re)pensar a estrutura de dominação e das desigualdades de gênero pelas reflexões decoloniais, problematizando a herança do colonialismo europeu na construção do “ser e não saber” (QUIJANO, 2005).

Na percepção de Aníbal Quijano (2005), o sentimento colonial atravessado pela cosmovisão de superioridade de um modelo cultural, social, político e humano, tendo como referência os significados e significantes dos conceitos de raça e gênero, é criado pela cosmovisão do dominador branco. Nessa reificação de representações, corpos, ideias, sentimentos, crenças, costumes, marcadores identitários da sociedade moderna são expandidos pelo processo de colonização europeia que se dá desde o século XVI. Assim, as sociedades colonizadas são catequisadas por

processos educacionais religiosos, monárquicos e republicanos que universalizaram os modus operandi das sociedades colonizadoras.

Desse modo, o modelo colonizador branco, masculino, cristão é potencializado pelo binarismo, pela hierarquização dos corpos e dos saberes, quando o colonizado internaliza a cosmovisão do colonizador e reproduz, em suas diversas sociedades, os sentimentos, as ideias, enfim essa cosmovisão europeia. Em nossa interpretação, as marcas dessa colonialidade podem ser percebidas na contemporaneidade, na estrutura normatizadora do sistema de ensino que é estruturado nos moldes da lógica neoliberal, a partir da promulgação da lei 13.415 de 2017, que dispõe acerca da organização do “Novo Ensino Médio”, alterando a LDB do Novo Ensino Médio, assim como nos volumes do livro didático Moderna Plus (PNLD 2021), adotados para a área de Ciências Humanas do Novo Ensino Médio.

Assim, compreendendo a perspectiva do feminismo decolonial como ferramenta epistemológica para o combate da desigualdade de gênero socialmente implantado pelas políticas colonizadoras, buscamos analisar como os volumes acima citados abordam as temáticas de gênero e sexualidades e como os professores de Sociologia de escolas públicas estaduais da cidade de Campina Grande-PB veem a imagem das mulheres e as discussões sobre sexualidades no material didático analisado.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

---

### **IMAGENS DE GÊNERO E SEXUALIDADES NOS LIVROS DIDÁTICOS MODERNA PLUS: UMA COLONIALIDADE DO SABER?**

No livro “Globalização, emancipação e cidadania”, volume 2 do LD Moderna Plus Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, ao final desse volume, as mulheres negras quando aparecem, estão representadas em imagens que apresentam realizando serviços de vendedoras ambulantes. Essa representação está bem evidente na figura que ilustra o comentário sobre “emancipação do Haiti”, as mulheres pintadas são negras, estão descalças, com trajés simples, carregando, sobre a cabeça, cestas com frutas e ou legumes.

Ao final desse volume, aparecem mulheres negras bem vestidas com joias, cabelos escovados, óculos escuros, em uma passeata na “Manifestação contra a discriminação racial em Detroit, Estados Unidos, 1963. Essa imagem é a única em

que se veem mulheres negras sem a representação de escravizadas, trabalhadoras domésticas ou vendedoras ambulantes.

Quando esse mesmo volume aborda a questão da presença de indígenas nos Estados Unidos, esta é apresentada na imagem de indígenas homens – nenhuma imagem com mulher indígena aparece no livro. Vê-se uma exceção quando o livro apresenta a imagem de uma mulher indígena, sozinha em meio à natureza, com ares de solidão – o tema que a acompanha trata sobre “A independência mexicana”. As demais imagens são de homens, demonstrando altivez, bravura e onipotência.

Ao tratar da “emancipação cubana”, aparece, em uma charge, uma mulher cubana que se encontra de joelhos, sob os cuidados de um homem norte americano, demonstrando a submissão do povo cubano à colonização americana, sem maiores problematizações e análise do processo dessa colonização, em especial, em relação à condição da mulher latino-americana, antes da revolução de Cuba.

Ainda sobre países da América Latina, para se referir à Argentina, há uma imagem de uma mulher negra e cinco mulheres brancas, dançando em um salão de festa, na cidade de Buenos Aires. Já, para representar a emancipação do México, livrando-se do jugo da colonização espanhola (europeia), aparece a imagem de uma senhora branca, de ares tristes, vendendo jornais, biscoitos e outros tipos de lanches.

No objeto de conhecimento “Economia global e trocas desiguais”, só depois da décima quinta página, o feminino aparece em uma imagem: uma aula de programação em Timisoara, Romênia, no ano de 2018, com meninas e meninos brancos, sentados em frente a computadores, apresentando a inovação tecnológica e o investimento na infraestrutura das escolas.

Ao abordar sobre “o mundo em rede”, quando tratam sobre as redes de comunicação no Brasil, o livro traz a imagem de duas mulheres brancas, ressaltando a “era do rádio” em nosso país. Uma das mulheres é Hebe Camargo, no Programa Parada Dura, em 1959.

Outra ocorrência de imagem de mulheres é quando da referência ao Fórum Econômico Mundial, em um “pequeno balanço sobre a globalização”. Nessa ilustração, aparecem sete mulheres brancas, bem vestidas, representando lugares de poder e decisão. Quando a abordagem diz respeito ao tópico “Cidadania e direitos humanos”, o livro mostra, entretanto, imagens de mulheres brancas, negras e pardas, todas representando o índice feminino vitimado pela agressão, em 2019.

Para citar o “Movimento feminista pela igualdade de gênero”, são apresentadas duas imagens de mulheres em contextos diferentes: a alemã Clara Zetkin, em 1899, e a brasileira Bertha Lutz, no início do século XX, cujo nome aparece sempre em outros livros como uma das responsáveis pelo voto feminino. Quando tratam do “movimento estudantil”, as imagens do LD apresentam meninas brancas ao lado de meninos brancos, como protagonistas desse movimento, em Curitiba, em 2016. Não há nenhuma imagem de mulher para se discutir sobre o movimento indígena – tem-se apenas uma imagem com gente na rua, lutando contra as mortes dos povos indígenas no Brasil, em favor da constituição – “Resistência”.

Nos demais volumes do Livro didático Moderna Plus, as mulheres negras aparecem no volume “Poder e Política” (volume 4), quando aborda “direitos humanos”, aparecendo imagens de Michelle Obama e suas duas filhas ao lado do seu marido – representação de uma família negra que ocupava lugar de prestígio social.

Nos volumes (Conflitos e Desigualdades – vol. 6; Natureza em Transformação” – vol. 1; Trabalho, Ciência e Tecnologia – vol. 3), as poucas imagens de mulheres negras representam lugares de não protagonismo em produções científicas, em cargos de lideranças, ou detentoras de conhecimentos tecnológicos. Quando mulheres não brancas surgem nas imagens, vê-se que estão relacionadas aos movimentos de resistência contra a discriminação racial, a desigualdades de gênero e em defesa dos direitos humanos.

A leitura que fizemos das imagens das não brancas nos volumes do LD analisados nos suscitaram a seguinte reflexão: as raras imagens de mulheres não brancas que aparecem nos volumes do livro didático “Moderna Plus” estão ligadas ao trabalho, como vendedoras ambulantes, carregando pesos na cabeça, ou nas lutas contra a injustiça social. Assim, indagamos: 1) Qual é a cosmovisão dos autores que organizaram os LDs? 2) Qual a relação da escolha das imagens com a colonização de gênero e o processo de colonialidade das subjetividades de intelectuais que trabalham com as ciências sociais, a filosofia, a história e a geografia? 3) Qual é a percepção dos professores de Sociologia da Educação Básica quando vão trabalhar com os LD da Moderna Plus? 4) Será que as/os professoras/es percebem e problematizam as desigualdades interseccionais de gênero, raça, sexualidades apresentadas nas imagens dos LD? 5) As/Os professoras/es ressignificam essas imagens em suas aulas? 6) Como o fazem?

Para Aníbal Quijano (2005), o conceito de raça aparece a partir da colonização das Américas pelos europeus, significando, pelo olhar eurocêntrico, a superioridade biológica do colonizador, ou seja:

A ideia de raça, em seu sentido moderno, não tem história conhecida antes da América. Talvez se tenha originado nas diferenças fenotípicas entre conquistadores e conquistados, mas o que importa que desde muito cedo foi construída como referência a supostas estruturas biológicas diferenciais entre esses grupos (QUIJANO, 2005, p. 2, sic).

Para Quijano (2005), o conceito de raça, o de gênero e o de intersexual são tomados como referência binária da dominação europeia e universalizados como parâmetros para diferenciar, de maneira desigual e hierárquica, pessoas, que passam a ser classificadas identitariamente pelos vieses da colonização e colonialidades de raça e gênero. Essas separações identitárias – branco, masculino, europeu *versus* não brancos, não homens, não europeus – demarcam os espaços sociais, econômicos ocupados pelos dominadores e dominados, estabelecendo um modelo universalizado de relação de produção no “capitalismo mundial”.

Segundo o autor, em cada contexto social, os lugares e os papéis de brancos e não brancos (negros, mestiços, indígenas, ibéricos etc.) eram separados hierarquicamente em atividades de maior prestígio e melhor remuneração, para os dominadores homens (brancos, héteros), e as atividades precarizadas, não pagas ou mal pagas, para os dominados (negros, mestiços, indígenas, amarelos etc.), podendo os corpos “mestiços” irem ocupando outros espaços na produção, diferentes daqueles destinados aos negros, porém ainda inferiores aos dos brancos. A relação de produção era balizada pelos conceitos de raça e gênero, criados pelo saber colonizador, gestando, assim, as estruturas sociais de desigualdades raciais e de gênero, mapeadas pela produção mundial do poder eurocêntrico que domina todas as dimensões da vida social global. Para Quijano (2005), esse modelo mundial de poder é organizado da seguinte maneira:

No controle do trabalho, de seus recursos e de seus produtos, está a empresa capitalista; no controle do sexo de seus recursos e produtos, a família burguesa; no controle da autoridade, de seus recursos e de seus produtos, o Estado nação; no controle da intersubjetividade(sic) o eurocentrismo (QUIJANO, 2005, p. 8).

No volume 5, “Sociedade, política e cultura”, nos seis objetos de conhecimentos (“cultura: uma trajetória humana, indivíduo”, “sociedade e cultura, migrações”, “sociedades, multiculturais e dinâmicas populacionais”, “diversidade cultural”, “formação na nação brasileira”, “Brasil republicano e ditaduras na América Latina”), são apresentadas imagens de maneira esporádica e, quando aparecem, são na maioria de mulheres brancas que se destacaram em eventos sociais, políticos, desportistas.

As imagens de mulheres não brancas aparecem nos objetos de conhecimentos de “cultura e diversidade,” destacando a estética negra. As imagens de mulheres não são, contudo, problematizadas em relação aos lugares ocupados em diferentes sociedades, tampouco com relação às desigualdades de gênero, raça, classe, entre outros marcadores de descompassos sociais, econômicos e culturais. Há uma narrativa descritiva dos eventos abordados, porém, quando as mulheres aparecem, não há problematizações em relação aos lugares ocupados por elas nas diferentes realidades. Ainda nesse volume, a autoria dos textos é hegemonicamente masculina, na maioria europeus, havendo apenas uma autora brasileira branca, perdendo-se de vista as autoras feministas e principalmente feministas negras brasileiras, latinas africanas que têm grande produção nas discussões filosóficas e das ciências sociais de gênero, sexualidades, capitalismo, entre outros assuntos.

Em todos os volumes analisados, as referências são hegemonicamente de autores homens e estrangeiros, não havendo bibliografias de mulheres latinas, negras, indígenas, trans, lésbicas que abordam sobre os diferentes objetos de conhecimentos apresentados, principalmente nas temáticas sobre gênero e movimentos de mulheres.

Como analisado por Aníbal Quijano (2005):

Com efeito, todas as experiências históricas, recursos e produtos culturais terminaram também articulados numa só ordem cultural global em torno de uma hegemonia europeia ou ocidental. Em outras palavras, como parte do novo padrão de poder mundial, a Europa também concentrou sob sua hegemonia o controle de todas as formas de controle da subjetividade, da cultura e em especial do conhecimento e da produção do conhecimento (QUIJANO, 2005, p. 6).

Com relação a sexualidades, não há material informativo, nem imagem de mulheres lésbicas, trans. As informações sobre mulheres, quando aparecem, são descritivas, não argumentativas/reflexivas e não assinadas por mulheres e, especificamente, não marcadas pelas diferentes identidades de gênero e orientações

sexuais. O mesmo ocorre quando se trata de mulheres latinas, ao se discutir sobre os movimentos de libertação de países da América Central – não há referências de mulheres latinas nos volumes analisados. Além de não discutirem com propriedade as questões de gênero, quando essas temáticas aparecem estão desligadas das discussões sobre sexualidades, reproduzindo, assim, uma leitura superficial, limitada, binária, hierárquica, de cunho colonizador branco, heteronormativo. Segundo Quijano (2005):

Desse modo, “colonialidade” não se refere apenas à classificação racial. Ela é um fenômeno mais amplo, um dos eixos do sistema de poder e, como tal, atravessa o controle do acesso ao sexo, a autoridade coletiva, o trabalho e a subjetividade/intersubjetividade, e atravessa também a produção de conhecimento a partir do próprio interior dessas relações intersubjetivas (QUIJANO, 2005, p. 9).

Como apontado na citação supracitada, a colonialidade dos conceitos de raças, gênero e sexualidade” classifica, define, hierarquiza de maneira binária e verticalizada a produção de conhecimentos, assim sendo, percebemos como a inexistência da abordagem sobre gênero e sexualidades nos seis volumes do livro didático da Editora “Moderna Plus” se apresenta como uma ferramenta de dominação colonizadora tanto no fato de ignorar a ausência das mulheres negras, trans, indígenas, ciganas, ribeirinhas e outras multiplicidades em objetos de conhecimentos sobre ciência, tecnologia, política, ocupando cargos de liderança, chefia e de protagonismo social, econômico e político.

A hegemonia da imagem masculina e da mulher branca nos seis volumes do LD “Moderna Plus” representa a mundialização do poder eurocêntrico que cria uma nova dualidade entre alma/corpo e razão/sujeito, compreendidos em relação binária, em que o corpo é pensado, apreendido e racionalizado pelo sujeito/razão europeu. Assim, se justifica a desumanização dos corpos não brancos, classificados como não humanos, podendo, então, assim ser objetivados pelo conhecimento racional produzido pelos dominadores. Essa conclusão decorre das respostas<sup>3</sup> das professoras de Sociologia da Educação Básica ao responderem à indagação “Qual é a imagem e o lugar das mulheres nos LDs “Moderna Plus”?

3 As respostas das professoras são transcritas *ipsis litteris*, a fim de mantermos a fidedignidade do discurso de cada uma dessas participantes da pesquisa.



*Um lugar incipiente. A imagem feminina está associada a busca de reafirmar o lugar de subalternidade na sociedade para manutenção de padrões de invisibilidade e desprestígio dessas. (Professora 1)*

*Não trabalho com os LDS da Moderna Plus. A escola escolheu os LDS Moderna Plus, mas eu e o professor de filosofia não usamos, porque a gente não considera estes livros bons, com envergadura e a outras opção era tão ruins quanto estes. A gente só pegou como mais um material para os alunos, certo? Quem usa mais estes livros são os professores de geografia e história, o professor de filosofia usa um livro específico e eu uso um livro da Editora Brasil. (Professora 2).*

Em nossa interpretação, as professoras de sociologia supracitadas afirmam, em suas narrativas, que os LDs Moderna Plus não têm “envergadura” embora não especifiquem claramente o que falta nessa coletânea. Além disso, acrescentam que outras opções também não eram boas o suficiente para serem trabalhados com os alunos. A primeira narrativa destaca que os LDs Moderna Plus reproduzem modelos hegemônicos de invisibilização das mulheres.

A resposta da professora 2 mostra que a “colonialidade do poder” se apresenta na produção e na adoção do livro didático em análise, procedimentos sobre os quais não se esclarece como foram realizados, especialmente o da definição desse material, mesmo que tenha havido uma consulta pública entre os professores do ensino Médio das escolas estaduais. Essa adoção sem apresentação dos critérios ou resultados concretos de sua definição, objeto de resistências por número considerável de docentes, mais especificamente da disciplina de Sociologia da Educação Básica.

Para Quijano (2005):

Esse novo e radical dualismo não afetou somente as relações raciais de dominação,(sic) mas também a mais antiga, as relações sexuais de dominação. Daí em diante, o lugar das mulheres, muito especial o das mulheres das raças inferiores, ficou estereotipado junto com o resto dos corpos, e quanto mais inferiores fossem suas raças, mais perto da natureza ou diretamente, como no caso das escravas negras, dentro da natureza. É provável(sic) ainda, que a questão fique por indagar, que a ideia de gênero se tenha elaborado depois do novo e radical dualismo como parte da perspectiva cognitiva eurocêntrica (p. 14).

À pergunta “Como os LDs Moderna Plus discutem as questões de gênero e sexualidades?”, a Professora 1 assim respondeu:

*O livro pouco explora as condições relacionadas ao gênero e sexualidade. Buscando excluir o debate de gênero em suas produções, abafando a urgência desse debate para diminuição da cultura de misoginia e das desigualdades de gênero no espaço educacional. Incitam até a possível criminalização da “ideologia de gênero” argumentando-a equivocadamente que esse debate é uma doutrinação para o incentivo a homoafetividade, pornografia, etc. Isso mostra um desserviço pedagógico que reforça uma cultura do conservadorismo, da ignorância, preconceito, discriminação e respeito às diferenças. (Professora 1)*

Em nossa interpretação, a professora 1 mostra na resposta acima, que os LDS Moderna Plus excluem, ou seja, não trazem a discussão sobre gênero e sexualidades quando o fazem, abordam apenas questões de gênero. Desconectar esses temas gênero e sexualidades só enfatiza a desigualdade entre homens e mulheres, reproduzindo uma cosmovisão binária. Quando a professora menciona que os LDS são “um desserviço pedagógico”, ela enfatiza tanto a ausência das discussões sobre gênero e sexualidades como estes materiais didáticos terminam por contribuir com uma educação tradicional, colonizadora que reforça as desigualdades de gênero.

Segundo Lugones:

As necessidades cognitivas do capitalismo e a naturalização das identidades, das relações de colonialidade e da distribuição geocultural do poder capitalista mundial guiam a produção dessa forma de conhecimento (LUGONES, 2020, p. 10).

Maria Lugones chama a atenção para as contribuições de Aníbal Quijano sobre a intersecção raça e gênero na colonialidade de gênero, porém, ela também mostra o limite desse autor quando este não traz à cena as multiplicidades de mulheres colonizadas e apagadas pelas narrativas e políticas colonizadoras de gênero. Segundo a estudiosa: “Em vez de produzir um rompimento, ele [Quijano] se acomoda no reducionismo da dominação de gênero.” (LUGONES, 2020, p. 67).

Lugones (2020) também apresenta outras abordagens sobre colonialidade de gênero que identificam e problematizam as intersecções de opressão dessa colonialidade, a exemplo de Oyewùmí, que mostra a “inferiorização cognitiva, política e econômica, mas também a inferiorização das “anafêmeas” com respeito ao controle reprodutivo” (LUGONES, 2020, p. 67).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Em síntese, a pesquisa apresenta a ausência dos objetos de conhecimento gênero e sexualidades nos seis volumes do LD escolhido pelo PNLD 2021. As imagens das mulheres negras, latinas, quando registradas, aparecem apenas nos objetos de conhecimentos de cultura e raramente nos conteúdos sobre emancipação política de países latinos, nos movimentos de resistências que são genericamente abordados, sem consistência e sem referências de intelectuais negras, latinas, indígenas. As imagens nos conteúdos de ciência, conhecimentos tecnológicos, políticos, empreendedorismos são de mulheres brancas que se perdem na hegemonia da representação masculina.

Os volumes do LDs Moderna Plus analisados representam um grande retrocesso na política de produção de livros didáticos no Brasil, embora tenham ganhado, na terceira geração dos LDs, conforme analisado por Maçaira (2021), com maior abertura e densidade didática, conteúdos, imagens, referências bibliográficas e, em nossa percepção, também nas discussões sobre gênero e sexualidades em perspectiva social, cultural, política e interseccional.

Desse modo, percebemos que, nos LDs da Moderna Plus da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, ainda reverbera a cosmovisão eurocêntrica de dominação de colonialidade do poder/saber que inferioriza os corpos diferentes do padrão branco, masculino, heteronormativo, cristão, instituído como modelo de beleza, cognição, intelecto, força, capacidade, civilidade em oposição aos outros. E, por estarem fora desse padrão normativo, são silenciados, invisibilizados nas imagens, nas referências, nas atividades dos seis volumes do LD em análise.

Este trabalho apresenta uma possibilidade reflexiva, crítica, problematizadora sobre os LDs Moderna Plus, por sabermos da grande influência pedagógica e de construção de visões de mundo dos materiais didáticos entre os jovens estudantes. Assim, intencionamos a construção de uma educação libertadora pela desconstrução do "sistema de gênero colonial" nas estratégias educacionais significadas e criadas por visões colonizadoras que, infelizmente, ainda nos atravessam.

As duas respostas recebidas de apenas duas professoras de Sociologia da Educação Básica às perguntas enviadas pelo *Google Forms* podem traduzir como as discussões sobre gênero e sexualidades precisam fazer parte da formação continuada de professores, pois o silêncio desses profissionais diz muito sobre o lugar desses conteúdos no ensino de Sociologia na Educação Básica. Fica claro que as

discussões sobre esses objetos de conhecimentos precisam ser baseadas nas epistemologias do feminismo negro/interseccional e decolonial.

A partir desta pesquisa, compreendemos que, além das formações continuadas de professores problematizando a dominação eurocêntrica, devem estar alinhadas a produção dos DS pelos que fazem a educação escolar, a partir das experiências dos sujeitos escolares diversos e plurais. As produções de materiais didáticos devem se dar pela investigação, polemização das desigualdades sociais, balizados pela intersecção entre experiências cotidianas dos sujeitos escolares, os conceitos, as categorias e teorias das ciências sociais e interdisciplinares, no fluxo da construção e reconstrução, com pé na realidade, uma vez que a produção dos LDs por outras pessoas representa, nas escolhas dos conteúdos, das imagens, dos textos, das atividades as camadas interseccionais que incidem sobre os corpos, ou sobre o mesmo corpo.

## REFERÊNCIAS

---

BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo: a experiência vivida; tradução Sérgio Millet. 5. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BODART, Cristiano das Neves; esteves, Thiago de Jesus; TAVARES, Caio dos Santos. Os(as) autores(as) dos livros didáticos de ciências humanas e sociais aplicadas do pnld-2021 e suas relações com a sociologia escolar. **Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais**. Vol.5, nº 2 , p. 89-114. jul./dez.2021. Disponível em: [file:///D:/BKP%20C/BKP/Downloads/7.OS\(AS\)+AUTORES\(AS\)+DOS+LIVROS+DID%C3%81TICOS\\_vers%C3%A3o\\_final.pdf](file:///D:/BKP%20C/BKP/Downloads/7.OS(AS)+AUTORES(AS)+DOS+LIVROS+DID%C3%81TICOS_vers%C3%A3o_final.pdf). Acesso em: 12 out. 2023.

SORJ, Bila. O feminismo na encruzilhada da modernidade e pós-modernidade. *In*: HOLANDA, Heloísa Buarque de (org.) **Pensamento feminista brasileiro**: formação e contexto. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo,2020.

HOLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Editora Bazar do Tempo, 2020.

HOOKS, Bell. **Teoria feminista:** da margem ao centro. Tradução de Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. *In:* HOLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Pensamento feminista brasileiro:** formação e contexto. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

BRLCK, Patrícia Ramos *et al.* MODERNA PLUS: ciências humanas e sociais aplicadas. 1. edição. São Paulo: Moderna, 2020. Obra em 6 volumes.

OLIVEIRA, Jéssica Cristina Alvaro. Resenha ao livro AKOTIRENE. Carla. **Interseccionalidade.** São Paulo: Polém, 2019. Vol 06, N. 01 - Jan. - Mar., 2020. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/cadgendiv>. Acesso em: 12 out. 2023.

UCHOA, Antônio Giovanni Figliuolo; GODOI, Christiane Kleinubing. Metodologias Qualitativas de análise de imagens: origem, historicidade, diferentes abordagens e técnicas. **IV congresso Brasileiro de estudos Organizacionais.** Porto Alegre, RS, Brasil, 19 a 21 de Outubro de 2016. Disponível em: <https://anaiscbeo.emnuvens.com.br/cbeo/article/view/233/225>. Acesso em: 11 nov. 2023.

MAÇAIRA, Julia Polessa. **As três gerações de livros didáticos no Brasil (1920-2016).** Brasília, v. 34, n. 111, p. 93-111, maio/ago. 2021. Disponível em: escrever o endereço eletrônico e não o título do PDF *\*As três gerações de livros didáticos de Sociologia no Brasil (1920-2016).pdf*. Acesso em: 07 nov. 2023.

QUIJANO, Aníbal. **A colonialidade do saber:** eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. Disponível em: [http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12\\_QUIJANO.pdf](http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_QUIJANO.pdf). Acesso em: 11 nov. 2023.